

AUTOBIOGRAFIA José Medeiros Ferreira

A minha própria obra

Comecei a minha vida como passageiro clandestino do vapor Lima, um antigo barco alemão considerado «boa presa» pelo Estado Português durante a I Guerra Mundial. Vim ao mundo em plena II Guerra Mundial, corria o Inverno do ano de 1942, fez agora 65 anos. O meu pai, micaelense dos quatro costados, fora colocado no Funchal e levava a minha mãe, também açoriana ancestral, já grávida e já decidida a fazer-me baptizar e registar no civil em Ponta Delgada. E assim foi. Nascido na ilha da Madeira em Fevereiro, embarquei no mês de Março como passageiro indocumentado para atravessar o policiado Atlântico até à ilha de S. Miguel, onde me fiz cidadão. O único consolo da minha mãe, caso o bebé não resistisse, era eu ter lugar no *limbo*, cuja existência a mais moderna teologia agora renega! Consegui evitar esse primeiro grande equívoco do destino e tornei-me um menino de grandes caracóis que brincava na Rua Lisboa, em Ponta Delgada. Farto de ser confundido com o sexo oposto, pedi ao meu irmão mais velho para ir comigo ao barbeiro cortar os caracóis. Era o benjamim da família, rodeado de mimos e atenções.

O complexo de Benjamim não iria passar-me tão depressa. Tendo chegado a Lisboa em 1960, um ano depois era dirigente estudantil e o caçula das Reuniões Inter Associações (RIA), onde participavam o Jorge Sampaio, o Eurico Figueiredo, o Vítor Wengorovius, o Tavares da Cruz, entre outros, todos mais velhos, cheios de sabedoria táctica e de recursos oratórios que tentei acompanhar até à eclosão da crise académica de Março de 1962. Então foi como se um encontro com o destino estivesse marcado para aquela ocasião. Senti-me como peixe na água (e sou Peixe de signo!) e exercitei conscientemente uma série de atributos que queria testar em mim: a capacidade estratégica-táctica, a persuasão pela oratória, a coragem cívica perante a repressão. Fiz sempre isso com a cabeça fria e o coração quente.

Mesmo ao ouvir na Faculdade de Medicina, em 1964, a antestreia das canções contestatárias de José Afonso e de Adriano Correia de Oliveira, a cujas vozes estremeço, mantive uma distância *brechtiana* que muito surpreendeu então a Maria Emília [*Brederode dos Santos, hoje sua mulher*] de quem me aproximara. Descansei-a mostrando-lhe como no mundo dos sentimentos era um homem de coração.

A crise estudantil marcou-me decisivamente. Toda a educação para a responsabilidade recebida em casa tomou um sentido colectivo e cívico. Fui recompensado com um «voto de louvor, agradecimento e confiança» dos estudantes da Faculdade de Letras redigido pela Maria Antónia Fiadeiro, sua primeira signatária, sendo o segundo o Rodrigues da Silva, que agora me instiga a fazer esta autobiografia!, e em que constam nomes como Fiamas Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz, Sottomayor Cardia, Passos Valente, Maria José Rau, Eduardo Prado Coelho, e tantos outros. É ainda hoje a distinção que mais afeição, apesar de já ter sido condecorado com duas grã-cruzes nacionais, e a República Portuguesa ainda me estar dever a da Ordem de Cristo pelo pedido de adesão à CEE! É verdade que asso-

cio aquele voto ao facto de ter sido levado aos ombros no átrio da Faculdade de Letras. Mas era ainda cedo demais para o triunfo. Para a minha geração, «revolução» não rimava com «sucesso».

Tinha apenas 20 anos. Os de Paul Nizan? Não totalmente. Fui eleito secretário-geral da RIA, sucedendo a



Jorge Sampaio, com essas 20 primaveras, e imediatamente preso pela PIDE, no Aljube, aonde fui, mais uma vez, o benjamim de uma cela em que pontificavam o padre Joaquim Pinto de Andrade e o Nikias Skapinakis, ambos trintões entradotes... E aos 23 anos fui expulso de todas as universidades portuguesas.

Não há idade para o exílio. Quando cheguei a Genebra, em 1968, levava um corpo enxuto por 18 meses de vida militar, que muito me ajudou a repetir as delícias da juventude universitária no contexto do Maio europeu. Fui lá encontrar uma pléiade de asilados como Eurico de Figueiredo e António Barreto, que se tinham esquecido de pedir o respectivo estatuto ao governo helvético. Fui assim o primeiro

a requerer o estatuto oficial de refugiado político nos termos da Convenção Internacional de 1951...

Não o fiz por uma questão pessoal, mas por querer consagrar a existência das perseguições e da repressão política no Portugal do salazarismo. A surpresa daqueles amigos perante a minha determinação no pedido do estatuto de asilado dá bem a medida da inocência revolucionária da minha geração. Fizemos depois uma revista, *A Polémica*. Ainda há dias o António Barreto recordava o prazer total que era fabricar por completo cada número da revista, com o Eurico de Figueiredo, o Carlos Almeida, o Manuel de Lucena e a Ana Benavente. Depois, era a aventura de a fazer chegar e distribuir em Portugal. Um momento alto da minha colaboração na *Polémica* foi uma entrevista que fiz em Londres a Amílcar Cabral e em que este revelou que aceitaria fazer parte de um governo de transição, com autoridades portuguesas, que preparasse a autodeterminação da Guiné.

Os seis anos de exílio foram (reconheço agora no Outono quente que me resta) dos melhores da minha vida. Como desconhecia o grau de exigência universitária, estudei tanto que acabei assistente de uma Faculdade e convidado para



outra, ambas a ladear o *Jardin des Bastions*, onde muito me passei com a cabeça cheia de Portugal e do seu futuro.

A residência do Centre Universitaire Protestant, em Genebra, foi o paraíso onde morava depois dos anos de chumbo da prisão pela PIDE, da expulsão de todas as escolas portuguesas, da decisão de não fazer a guerra colonial. Encostava então a cabeça aos vidros da janela que dava para a neve suíça e antecipava as futuras saudades daquela inusitada repetição da juventude universitária. E pedia ao destino que o que de bom tivesse de suceder acontecesse mais para o cedo do que para o tarde, para poder aumentar a felicidade desses momentos através da recordação repetida e prolongada. Era ainda o complexo de Benjamim perante a vida.

Foi nesse enquadramento que concebi a tese que enviei para o Congresso de Aveiro, em 1972, e na qual defendia a política dos três dês (Descolonizar, Democratizar e Desenvolver) como programa de um possível pronunciamento dos militares, apoiado pela oposição democrática. A Maria Emília, sempre destemida, foi propositadamente de Genebra a Aveiro apresentar a comunicação. Quando regressou disse-me, com os maiores cuidados, que a tese não fora bem recebida pelo conclave e que não figurava nas conclusões ortodoxas do dito. Só Jorge Sampaio parecia ter mostrado alguma abertura de espírito à heresia. Quando regresséi a Portugal, depois do 25 de Abril, estavam todos muito mais entusiastas do MFA do que eu... Quero aqui manifestar o meu apreço ao coronel Vítor Alves por ter salientado, em Abril de 1984, a coincidência da minha tese enviada para o Congresso de Aveiro com o futuro programa do MFA...

O regresso a Portugal foi outro momento exaltante. Quando saíra, em 1968, escrevera uma declaração em que dizia estar pronto a reingressar nas fileiras do Exército português, «ao qual reconhecia virtudes», mal a Ditadura fosse derrubada (Salgado Matos fora o grande distribuidor desse panfleto, ajudado sobretudo por estudantes ligados ao ca-



Medeiros Ferreira, aos 4 anos, em Ponta Delgada, com a mãe; em 1962, ao lado de Vítor Wengorovius, durante a greve estudantil (reconhe-se, sentado, Jorge Sampaio), em Genebra, em 1971, com Eurico de Figueiredo, António Barreto e Carlos Almeida; e na actualidade

tolicismo progressista). E assim foi, tendo o coronel Charais conseguido a minha colocação no EMGFA, em Setembro de 1974 e até Fevereiro de 1975. Foi então que conheci militares como Ramalho Eanes, Vítor Alves, Vasco Lourenço, Varela Gomes, Loureiro dos Santos, José Pimentel e tantos outros, num clima de paixão estratégica. Como já disse numa entrevista a Maria João Seixas: «Se para uns o 25 de Abril foi a exaltação, para mim foi, por escolha, quase o contrário, foi a gestão da exaltação» (*Pública*, 18 de Maio de 2003).

Comecei então aquela parte política da minha vida que as pessoas mais conhecem: deputado à Constituinte, secretário de Estado, Ministro, deputado à Assembleia da República, deputado ao Parlamento Europeu. Atravesséi um período mais táctico na actividade política, em parte derivado dos fortes obstáculos que colocaram à minha presença nas instituições. Resisti e permaneci para desafiar esses obstáculos, alguns dos quais permanecem. Mas ainda não me rendi. Agora escrevo, publico e dou aulas. Um dia *Portugal em Transe* terá a sua consagração histórica e até literária. E faço a mão nos artigos que escrevo para o *DN* e para o *Blogue Bichos-Carpinteiros*, o que me dá muito prazer. ●

